A INDÚSTRIA CULTURAL DO SOFRIMENTO: DESAFIOS DA PSICANÁLISE NA ERA DA VALIDAÇÃO

Lidiane Pessoa Cândido[1]



RESUMO

Este ensaio discute, à luz do Seminário 7 de Lacan, a ética do desejo em tempos de hiperexposição e busca incessante por validação. Analisa-se como a cultura contemporânea transformou o sofrimento em mercadoria, exigindo reconhecimento imediato, desconsiderando o silêncio diante da demanda. Questiona-se a sobrevivência da psicanálise clássica frente a esse cenário, considerando que sua prática não se orienta pela domesticação da dor nem pela resposta padronizada ao sintoma, mas pela escuta que acolhe o sujeito sem reduzir sua experiência ao enquadramento terapêutico. A reflexão aponta para a necessidade de sustentar a falta, o não-saber e a impossibilidade como fundamentos do desejo, contrapondo-se à lógica social que massifica e rotula o sofrimento. A psicanálise, ao invés de oferecer garantias, propõe implicação e responsabilização, preservando o vazio como condição constitutiva da subjetividade.

Palavras-chave: desejo; sofrimento; psicanálise; validação; subjetividade.

THE ETHICS OF DESIRE AND THE CULTURAL INDUSTRY OF SUFFERING: PSYCHOANALYTIC CHALLENGES IN THE ERA OF VALIDATION

ABSTRACT

This article discusses, in light of Lacan's Seminar VII, the ethics of desire in times of hyperexposure and the relentless search for validation. It analyzes how contemporary culture has transformed suffering into a commodity, demanding immediate recognition and showing intolerance toward silence in the face of demand. It questions the survival of classical psychoanalysis in this scenario, considering that its practice is not guided by the domestication of pain nor by standardized responses to symptoms, but by listening that welcomes the subject without reducing their experience to therapeutic frameworks. The reflection points to the need to sustain lack, not-knowing, and impossibility as foundations of desire, opposing the social logic that massifies and labels suffering. Psychoanalysis, instead of offering guarantees, proposes implication and responsibility, preserving emptiness as a constitutive condition of subjectivity.

Keywords: desire; suffering; psychoanalysis; validation; subjectivity.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, marcada pela viralização e massificação da dor, emerge uma indústria cultural que transforma o sofrimento em capital simbólico e exige validação constante. Nesse contexto, a clínica se vê atravessada por demandas de reconhecimento imediato, muitas vezes acompanhadas de intolerância diante da ausência de resposta. Surge, então, a questão: qual a possibilidade de sobrevivência da psicanálise clássica frente a essa lógica?

A psicanálise ética, diferentemente de algumas outras práticas terapêuticas que buscam normatizar ou traduzir o sintoma em fórmulas prontas, acolhe o sujeito sem se confundir com sua demanda. Ela não protege, não oferece garantias e não reduz a experiência do vazio, mas sustenta a falta como condição do desejo. Freud e Lacan nos lembram que é justamente na impossibilidade, no não-saber e na insuficiência que se encontra a potência do sujeito. Enquanto algumas psicoterapias perguntam “Então, você quer dizer isso?”, a psicanálise ética indaga “Por que você está dizendo isso?”, abrindo espaço para novas construções a partir das repetições constitutivas do inconsciente.

2 DESENVOLVIMENTO

O sofrimento psíquico tornou-se objeto privilegiado da indústria cultural, capturado pela lógica da diversão e convertido em mercadoria palatável. A dor é estetizada por influenciadores como marca de autenticidade, transformada em conteúdo de consumo e repetida em narrativas de autoajuda. Essa compulsão coletiva revela uma sociedade alienada de si mesma. A função analítica, nesse cenário, é preservar a experiência da falta que o reconhecimento tenta tamponar.

A interrogação ética formulada por Lacan no Seminário 7: “Agiste conforme o desejo que te habita?” (LACAN, 1997, p. 118), adquire urgência em um tempo em que a dor deixou de ser indizível e passou a ser exibida em redes sociais, campanhas e narrativas de superação. A operação analítica de fazer emergir o sujeito do inconsciente, para que “se diga por trás do que se diz”, torna-se um ato de resistência.

Na clínica contemporânea, observa-se a tendência de transformar o analista em gestor de bem-estar, cuja função seria validar experiências em vez de sustentar a divisão subjetiva. A plenitude é prometida via consumo, produtividade e autocompaixão, invertendo a estrutura ética da psicanálise. Essa exploração é perversa porque utiliza a linguagem da singularidade e da autenticidade para produzir conformismo: o sujeito acredita expressar sua verdade íntima quando, na realidade, repete formatos socialmente aprovados de sofrimento.

As palavras do analista não confirmam o que o sujeito já sabe sobre si, mas introduzem algo novo, que questiona suas certezas convictas e absolutas. O analista ético rompe com a demanda atual de reconhecimento, recusando o conforto que o mercado terapêutico promete. Em vez de promover unidade identitária, sustenta a divisão, introduzindo cortes e estranhamentos no lugar da validação infinita.

o DSM pode ser visto como parte não determinante, mas pode ser utilizado como um instrumento que abordado de maneira reducionista, massifica e normatiza a dor, em desencontro a prática psicanalítica, que resiste a enquadramentos classificatórios inflexíveis e insiste em escutar o sujeito para além das categorias, preservando sua singularidade e implicação ética.

O documento **“Re-escute os Transtornos”,** do professor Saulo Durso traz uma análise crítica sobre a evolução das classificações psiquiátricas, especialmente o DSM, e sua relação com a psicanálise. Ele diferencia três níveis de compreensão clínica: os **transtornos**, definidos por critérios objetivos e mensuráveis; a **personalidade**, entendida como conjunto estável de traços; e a **estrutura clínica**, que na psicanálise se refere à posição inconsciente do sujeito frente ao desejo e à castração. Enquanto o DSM organiza sintomas em categorias descritivas, a psicanálise escuta o sintoma como mensagem subjetiva e metáfora do inconsciente.

O texto mostra que o DSM nasceu em 1952 com forte influência psicodinâmica, mas sofreu uma ruptura decisiva em 1980 com o DSM-III, coordenado por Robert Spitzer. Nesse momento, abandonou-se a linguagem psicanalítica em favor de critérios descritivos e ateóricos, impulsionados por pressões da psiquiatria biológica, da indústria farmacêutica e dos sistemas de saúde. Essa virada afastou definitivamente a psicanálise

do campo oficial da psiquiatria, substituindo o sujeito dividido por uma máquina classificatória. Elisabeth Roudinesco sintetiza essa mudança ao afirmar que “o sujeito é substituído por um organismo falho que deve ser consertado” (ROUDINESCO, 1998, p. 45).

Diversos psicanalistas criticam o DSM: Pierre-Henri Castel o vê como dispositivo biopolítico que cria doenças e consumidores (CASTEL, 2007); Joel Birman aponta a fragmentação do sujeito em descrições empíricas sem alma (BIRMAN, 2001); Charles Melman denuncia sua aliança com o discurso capitalista; Christopher Bollas observa que patologiza estados normais da mente (BOLLAS, 1992); Jacques-Alain Miller o chama de “polícia dos comportamentos”; e Lacan já antecipava que o essencial não é classificar sintomas, mas escutar a posição do sujeito. Freud também lembrava que os sintomas têm sentido e devem ser escutados como formações do inconsciente.

O documento exemplifica essas diferenças com casos clínicos. A **depressão**, no DSM, é tratada como disfunção neuroquímica, enquanto na psicanálise é lida como posição frente ao desejo e à falta. O **borderline**, no DSM, aparece como transtorno de personalidade, mas na psicanálise pode encobrir psicoses não desencadeadas ou neuroses extremadas. O **narcisismo**, no DSM, é descrito como traço problemático, enquanto em Lacan é um drama estrutural ligado ao imaginário e ao desejo do Outro. Em todos os casos, o DSM busca normatizar e adaptar, enquanto a psicanálise sustenta o vazio, o corte e a singularidade.

Diante da cultura da validação, questiona-se se a psicanálise clássica pode sobreviver. Sua prática não oferece garantias, não protege e não blinda o sujeito. Ao contrário, sustenta a falta, o não-saber e a impossibilidade como fundamentos do desejo. Essa postura contrasta com a lógica social que busca soluções padronizadas e respostas imediatas.

No filme indiano *Stephen* (2025), por exemplo, o transtorno de personalidade antissocial é apresentado como se fosse explicável por traumas familiares, sustentado em falas padronizadas do protagonista que atribui aos pais crimes que nunca ocorreram. Essa narrativa clínica, ao validar o discurso como se fosse reflexo direto da vivência, acaba por reduzir o sujeito a uma causalidade simplista: “trauma gera transtorno”. A psicanálise,

ao contrário, não se inclina a comentários tão redondos e explicativos. Ela se orienta pelo corte, pelo furo e pelo que não consegue ser dito, sustentando que o sintoma não é mera consequência linear de um evento traumático, mas expressão de uma posição subjetiva. Nesse caso, o personagem poderia ser lido não como portador de um transtorno de personalidade por traumas advindos daquelas ações por ele narradas, mas como alguém atravessado por outra estrutura, cuja narrativa inventada sobre os pais não se tornaria um componente de uma verdade clínica, o paciente arquitetou, porque sabia que a padronização que ele articulou, responderia com sentido ao psicólogo, os crimes por ele cometidos. A psicanálise, portanto, resiste à tentação de validar integralmente o “relato perfeito”, preservando o espaço da falta e da indeterminação como condição para que o sujeito seja visto por trás do que se diz.

A operação analítica consiste em escutar para além do conteúdo manifesto, captando a posição enunciativa e fazendo aparecer o sujeito do inconsciente ali onde ele se articula com discursos sociais de reconhecimento. Essa escuta não nega os fenômenos, traumas e opressões, pois podem ser reais, mas localiza o sujeito em sua enunciação: “E você, o que está dizendo ao me dizer isso?”. Essa descoberta é simultaneamente traumática e libertadora: se o Outro não garante meu ser, posso inventar uma solução singular.

O inconsciente, como estrutura de esquecimento, preserva a subjetividade e movimenta o desejo. Esse esquecimento constitutivo impede a formulação de respostas padronizadas, mantendo viva a singularidade do sujeito. A psicanálise não reduz a experiência do vazio, mas a sustenta como condição necessária para o movimento do desejar.

Eric Laurent lembra que “quando o analista compreende tudo, o inconsciente se cala. A compreensão demasiada é uma forma de resistência do analista”. A psicanálise não pode se tornar extensão algorítmica que processa demandas e devolve respostas adequadas. Ela opera pela falha, pelo tropeço que faz surgir o inconsciente, resistindo à captura pela lógica do reconhecimento que transformaria a análise em prática de reforço identitário.

3 CONCLUSÃO

A sociedade contemporânea produz uma demanda de sentido que a psicanálise não deve satisfazer completamente, sob pena de se tornar psicoterapia adaptativa. A ética psicanalítica não desqualifica compromissos sociais ou políticos, mas interroga se são exercidos em fidelidade ou em renúncia ao desejo singular. Sustentar a falta, o vazio e a impossibilidade é condição para que o sujeito se confronte com sua responsabilidade pelo próprio desejo.

Em uma cultura que massifica a dor e exige respostas imediatas, a psicanálise resiste, preservando a singularidade e a implicação do sujeito em seu próprio desejar. Sua sobrevivência depende da capacidade de não se confundir com a demanda, mas de acolher o sujeito em sua vulnerabilidade, sem reduzir sua experiência a fórmulas prontas. Assim, reafirma-se como prática que não oferece garantias, mas sustenta o movimento do desejo, preservando a potência do sujeito frente à indústria cultural do sofrimento.

[1] Membro da ASP, Caruaru, PE, Brasil. Email: lidip.pessoa@gmail.com

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. ***Dialética do esclarecimento***. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FREUD, Sigmund. ***Além do princípio do prazer***. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1920).

FREUD, Sigmund. ***O mal-estar na civilização***. Rio de Janeiro: Imago, 1997. (Original publicado em 1930).

FREUD, Sigmund. ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade***. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Original publicado em 1905).

HAN, Byung-Chul. ***Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder***. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2015.

HAN, Byung-Chul. ***Sociedade do cansaço***. Petrópolis: Vozes, 2017.

LACAN, Jacques. ***O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*** *(1959-1960)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LACAN, Jacques. ***O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*** *(1964)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. ***Escritos*****.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAURENT, Éric. ***A sociedade do sintoma: a psicanálise hoje***. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MILLER, Jacques-Alain. ***A fuga do sentido***. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

MILLER, Jacques-Alain. ***O lugar do analista na era da globalização***. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ŽIŽEK, Slavoj. ***Bem-vindo ao deserto do real***. São Paulo: Boitempo, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. ***O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política***. São Paulo: Boitempo, 1999.

DURSO FERREIRA, Saulo. ***Re-escute os Transtornos com Lacan*****.** Apostila acadêmica. Academia Freudiana, 2025.

ROUDINESCO, Elisabeth. ***Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento****.* Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BIRMAN, Joel. ***Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação****.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MELMAN, Charles. ***A nova economia psíquica****.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

BOLLAS, Christopher. ***Sendo um personagem: psicanálise e experiência do self.*** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CASTEL, Pierre-Henri. ***A quoi résiste la psychanalyse?*** Paris: PUF, 2007.

STEPHEN. Direção de Mithun Balaji. Índia: JM Production House, 2025. Filme.